
**MUSEUS E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO:
REALIDADES REGIONAIS NO VALE DO TAQUARI/RIO GRANDE DO SUL**

*Patrícia Schneider¹
Neli Tereisnha Galarce Machado²
Marcos Rogério Kreutz³
Saul Eduardo Seiguer Milder (in memoriam)⁴*

RESUMO

O Instituto Brasileiro de Museus define o significado do papel social dos museus e como a dimensão humana no tempo e espaço pode ser recuperada a partir da memória existente nos espaços museais. O objetivo do estudo centrou-se na análise das realidades regionais e examinou-se a cultura material arqueológica pré-histórica nos museus de três municípios do Vale do Taquari/RS. O diagnóstico persistiu na avaliação do tratamento dispensado ao acervo, no cuidado com as coleções, na formação da equipe técnica e na expografia. Para avaliar, realizaram-se visitas técnicas aos ambientes museológicos e entrevistas diretas com profissionais que atuam nas instituições selecionadas. As análises finais da pesquisa sugerem que um novo e imediato tratamento deva ser aplicado nas coleções arqueológicas e estimular programas de ações educativas de longa duração voltadas para o patrimônio cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo, Museus, Arqueologia, Lugares de memória, Patrimônio.

RESUMEN

El Instituto Brasileiro de Museos hay definido sobre el significado del papel social de los museos. En esa definición, la dimensión humana en su tiempo y espacio es recuperada a partir de la memoria por medio de los espacios museales. A partir de eso, el objetivo del estudio se centró en el análisis de las realidades de espacios museales. Para evaluar, fueron observados los espacios y se realizaron entrevistas directas con profesionales que actúan en las instituciones seleccionadas. Las dimensiones analizadas, tuvieron como foco el tratamiento dado al acervo precolonial, el espacio disponible para las exposiciones y las informaciones disponibilizadas para los visitantes. Las análisis finales de la investigación sugieren que un nuevo y urgente tratamiento deba ser practicado con los materiales y colecciones oriundas de yacimientos arqueológicos, para objetivar un alcance intenso y

¹ Mestre em Patrimônio Cultural pela UFSM. Coordenadora do Centro de Memória da Universidade do Vale do Taquari, Lajeado.

² Doutora em Arqueologia pela USP. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari, Lajeado. ngalarce@univates.br

³ Doutor em Ciências pela UNIVATES. Bolsista PNPd/CAPES junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino.

⁴ Doutor em Arqueologia pela USP. Foi Professor da UFSM. Orientador da dissertação de mestrado da autora 1.

maior en la comunidad, así como impulsar programas de acciones educativas volcadas para el patrimonio cultural.

PALABRAS CLAVES: Acervo, Museos, Arqueología, Lugares de memoria, Patrimonio.

ABSTRACT

In the web site of Instituto Brasileiro de Museus, there is a definition about the meaning of the social role of museums. In this definition, the human dimension in its time and space is recovered from the memory through the museum spaces. On UNESCO's recommendation, these spaces are a profitable place for cultural transmission, promotion of ethnic and environmental diversity, as well as social cohesion and sustainable development. From this, the objective of the study focused on the analysis of the conflicting realities of museum spaces. In order to evaluate, the spaces were observed and direct interviews were carried out with professionals who work in the selected institutions. The analyzed dimensions were focused on the treatment of the pre-colonial collection, the space available for the exhibitions and the information that is available to the visitors. The final analysis of the research suggests that a new and urgent treatment should be practiced with materials and collections from archaeological sites, in order to achieve an intense and greater reach in the community. As well, leverage programs of educational actions focused on cultural heritage.

KEYWORDS: Collection, Museums, Archeology, Places of memory, Heritage.

INTRODUÇÃO

Segundo a definição dada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e especialmente a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público *“que se ocupa de la adquisición, conservación, investigación, transmisión de información y exposición de testimonios materiales de los individuos y su medio ambiente, con fines de estudio, educación y recreación”*⁵. Partindo dessa ideia, o estudo objetiva apresentar uma visão sobre a conjuntura museológica da região. A região geopolítica do Vale do Taquari, foco deste trabalho se localiza no centro oeste do Rio Grande do Sul, com um total de 36 municípios (BDR, 2011).

Em diagnóstico realizado, em 2007, pelo Centro de Memória Documentação e Pesquisa da Univates⁶, CMDPU/MCN, constatou-se que o Vale do Taquari, em âmbito

⁵ Estatutos do ICOM, artigo 2, parágrafo 1. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Statuts/statutes_spa.pdf. Acesso em 21 de nov. de 2018.

⁶ O diagnóstico foi coordenado pela Prof^a. Dr^a. Neli T. G. Machado e encontra-se no Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates – CMDPU/MCN

público, possuía 13 municípios com Museus, 10 com Casas de Cultura, 29 com Bibliotecas Públicas, dois com Arquivos Públicos e dois com outros tipos de espaços culturais.

Em 2011, a publicação do Guia dos Museus Brasileiros trouxe informações do Cadastro Nacional de Museus, CNM. A partir daí, constatou-se que dos 36 municípios da região, oito informaram possuir museus, totaliza-se 12 instituições, destas 10 cadastradas no CNM. A diminuição no número de municípios com Museus, pode estar associada a falta de envio de informações ao CNM, porém o número de instituições permaneceu quase igual devido a municípios com mais de uma instituição.

O número de municípios com museus está representado por 22% do total. Essa referência sugere questionamentos acerca do investimento em cultura por parte da municipalidade e o papel destes espaços na sociedade, no sentido da não reivindicação por sua existência ou qualificação.

Tradicionalmente, o impacto do museu em uma comunidade estabelece concretamente a possibilidade de conservação e acesso a informações das esferas ambientais, culturais e históricas, com o fim de aumentar e aprimorar os conhecimentos e experiências de sociedades antigas e atuais. Efeito legítimo e necessário, mas no que tange a conservação e estimulação de conhecimento, os espaços museais da região analisada tem sua finalidade comprometida.

Tradicionalmente, a região é conhecida como tendo população formada por várias etnias. Destacam-se as de origem alemã, italiana e açoriana. Todavia, há outros grupos étnicos que configuram a formação histórica da região, como os indígenas e os afro-brasileiros. A história tradicional⁷ por várias vezes embaçou a presença importante da composição e do passado antigo e pré-histórico. Raras vezes a história dos povos antigos originários são descritas nas histórias locais que compõe as vitrines dos museus em questão. Trata-se de mais de 180 anos de um contexto escrito por historiadores locais sem formação na área da história e que se responsabilizaram em levantar uma história segmentada. De qualquer forma, até mesmo a história do período de colonização europeia

⁷ Leia-se SCHIEROLDT, J. A. Lajeado. Prefeitura Municipal de Lajeado I, 1993; SILVA, Riograndino Costa e. Notas à margem da história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1967. (Coleção Província); FERRI, G. História da Bacia Hidrográfica Taquari – Antas. Lajeado: Editora: Univates, 2012.

também é inadequadamente formulada. Os estudos sobre a cultura material e arqueológica tem levantado questões acerca do cotidiano e das cadeias produtivas regionais, por exemplo, dessas etnias. Mas esse saber produzido por grupos de pesquisa das universidades ainda não despontam ou alcançaram o universo dos museus. Infelizmente, uma constatação infame. Resulta que a universidade deveria responsabilizar-se por esse distanciamento das comunidades no que tange a musealização⁸.

Desta maneira, especificamente nesse artigo, se examinou as condições da cultura material arqueológica pré-histórica depositada nos museus, os quais pressupõe-se serem lugares de memória⁹ dos três municípios do Vale do Taquari, localizado na parte leste do Rio Grande do Sul. Entende-se que considerar os museus, como ambientes que “guardam” a cultura material de sua gente e também dos antepassados sejam lugares da memória. O diagnóstico se deu pela avaliação do tratamento dispensado ao acervo para compreender a disposição das coleções, a equipe técnica e o tipo de espaço das exposições, considerado aqui a área disponível para a exposigrafia.

Na década de 1960, pesquisadores passaram pela região em foco e identificaram o potencial arqueológico. Realizaram coletas, registros de sítios e de áreas que compuseram fichas no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional e também relatórios de pesquisa organizados pelos então arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Pedro Mentz Ribeiro e Guilherme Naue. As evidências coletadas foram depositadas na Unisc, Unisinos e na PUC/RS e em alguns museus da região, como o Museu Histórico Municipal Padre Luchinio Viero de Muçum e o Museu Municipal Histórico Bruno Born, avaliado aqui. Nos anos 2000, a equipe de pesquisadores em arqueologia do Museu de Ciências da Univates de Lajeado solicita ao IPHAN a área para pesquisas científicas de longa duração. Durante mais de 15 anos¹⁰ arqueólogos estudam e avaliam a região. Todo o acervo arqueológico proveniente de pesquisas acadêmicas vinculadas à Univates está sob guarda do Museu de Ciências. Esse Museu tem área de exposição de

⁸ Há na Univates um projeto de extensão acadêmica conhecido como “*Arqueólogo por um dia*” que desponta como uma solução de aproximação acerca da temática patrimônio e história. Mas até o momento ainda se vincula, exclusivamente, ao universo escolar.

⁹ A expressão “Lugares de Memória”, foi criada em 1993, por Pierre Nora, maior detalhamento ao longo do texto. Fonte: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993. p.7-28.

¹⁰ Toma-se por base a primeira Portaria de número 140 aprovada pelo IPHAN em 2002 sob processo 1512.000101/2001-62.

longa duração, onde há evidências arqueológicas e também o acervo arqueológico com mais de 38 mil peças. Esses materiais servem de objetos de análises para mais de dez dissertações, duas teses e 3 teses em andamento, além dos diversos trabalhos de conclusão de curso. Lembra-se que existem outros estudos de *contrato* (pesquisas que compõe os licenciamentos ambientais) onde são coletados materiais arqueológicos. Esses materiais são distribuídos em locais definidos do próprio IPHAN.

MÉTODO

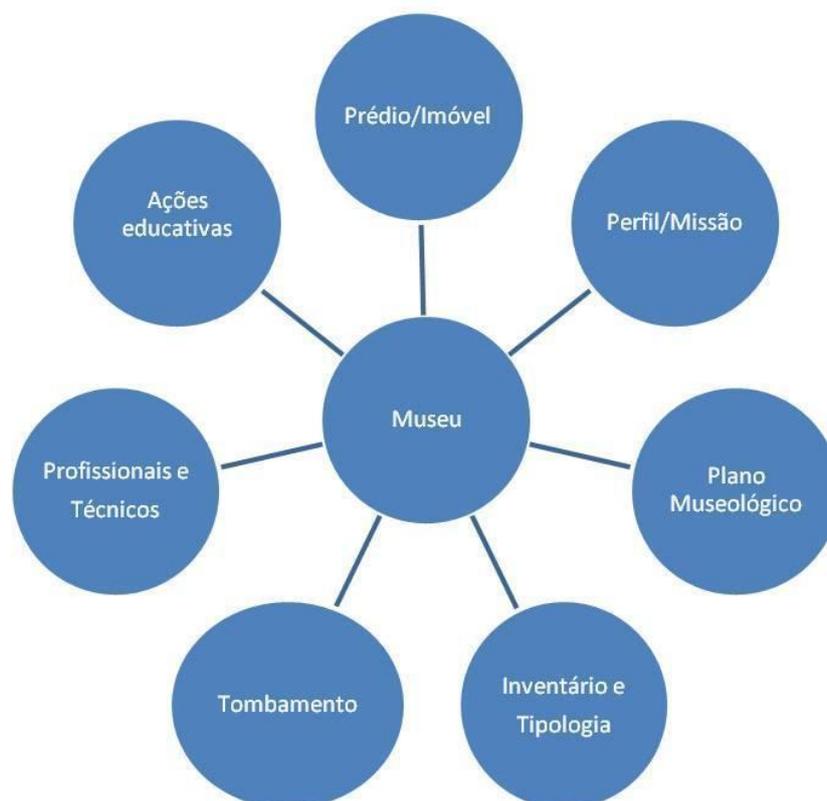
Estudar os museus em tempos “líquidos e fluídos” e em região que anseia por formular ou reformular sua história local tornou este trabalho reflexivo e oportuno¹¹. Como estudo de caso, foi desenvolvida a pesquisa de campo nos seguintes lugares de memória do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul: Museu do município de Arvorezinha - Museu Municipal de Arvorezinha; Museu do município de Lajeado - Museu Municipal Histórico Bruno Born; Museu do município de Taquari - Casa Costa e Silva.

O período temporal da pesquisa se deu entre os anos de 2009 e 2010¹². Para avaliar a situação, utilizou-se do método de observação dos ambientes e entrevistas com perguntas diretas e semi-diretas com os profissionais das instituições. As entrevistas para os gestores e técnicos seguiram o roteiro dos eixos de análise, conforme Esquema 1, e foram flexíveis; considerou-se a disponibilidade e conhecimento dos mesmos. Depois de selecionados, realizou-se um levantamento de dados nos espaços, o que resultou na categorização de sete eixos de análise (Esquema 1): características do prédio; institucionalização legal (Decreto ou Lei); características do plano museológico; descrição

¹¹ Essa afirmação dá-se por conta da realidade prospectada durante quase duas décadas (ano 2000 em diante) de investigação na região. Trata-se de uma região que tem profundas raízes no processo de colonização italiana e germânica da segunda metade do século XIX. Assim, a força de um passado calcado no “ufanismo” retórico torna o trabalho do arqueólogo e do historiador contemporâneo bem mais laborioso no campo da *episteme*.

¹² Esse estudo deu-se por conta da pesquisa de mestrado da autora Patrícia Schneider, no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, RS. A pesquisa foi orientada pelo arqueólogo, já falecido, Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder. Por alguns anos a pesquisa ficou “guardada” em respeito à memória do orientador. Essa publicação é a tentativa de retomar a investigação acerca dos museus regionais e a relação com o acervo arqueológico pré-histórico

do perfil e da missão; situação do inventário e natureza tipológica do acervo; qualificação dos profissionais e técnicos e descrição das ações educativas.



Esquema 1. Eixos de análise. Organizado pelos autores.

Conforme o seguimento da investigação foi ainda necessário realizar a quantificação e detalhamento do material pré-histórico, a descrição do espaço expositivo e a caracterização das “divisões” técnicas da exposição e do acervo e o tipo de informação oferecida ao visitante. O processo da pesquisa foi registrado por meio de fotografias, as quais se encontram no Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates/MCN. A seleção dos museus analisados foi feita por meio de critérios relacionados ao processo colonizatório desde os tempos mais antigos, tempo que tende-se a chamar de pré-história. Para isso, seguiu-se o proposto por Kreutz (2008, p.103)¹³. Na pesquisa foi possível

¹³ No ano de 2001 foi inaugurado Museu de Ciências Naturais da Univates, localizado em Lajeado, interior do Rio Grande do Sul. No museu se estabeleceu alguns laboratórios, entre eles surge o de Arqueologia. A partir desse ano, as pesquisas com enfoque puramente acadêmico são iniciadas. Vários trabalhos são definidos como trabalhos de fim de curso e artigos. Em 2008 a primeira dissertação de mestrado é defendida pelo arqueólogo M. kreutz no Programa de Pós-graduação em

identificar três áreas geográficas distintas de ocupação humana na região do Vale do Taquari/RS: planalto, situada ao norte do Vale do Taquari/RS; área intermediária e, por último, ao sul, área baixa, formada por planícies. Neste sentido, optou-se pela análise de três museus, um em cada região apresentada, a saber municípios de Taquari, Lajeado e Arvorezinha¹⁴.

Segundo o autor, as áreas foram densamente ocupadas por distintos grupos no período pré-histórico e histórico, conseqüentemente a cultura material produzida por eles é diversa e muitos exemplares¹⁵ se encontram nesses museus.

TEORIZAÇÕES - PATRIMÔNIO, ARQUEOLOGIA, ACERVOS E MUSEUS

O acervo arqueológico pré-histórico é visto como patrimônio nacional desde as primeiras legislações sobre esta temática. Tessitore (2003, p.11), já colocava que a,

experiência humana, em sua imensa diversidade, tem produzido e acumulado um grande número de registros que a testemunham e indicam os caminhos trilhados, possibilitando o seu conhecimento e reavaliação. Esse conhecimento é essencial para que cada pessoa, segmento social ou instituição construa sua identidade e defina sua atuação, individual ou coletiva, na sociedade em que vive.

Ambiente e Desenvolvimento, o qual tem área de concentração em Espaço e Sociedade. No ano seguinte, tem-se a dissertação de mestrado defendida por Jones Fiegenbaum na Universidade do Rio dos Sinos, orientada por um dos arqueólogos mais conhecidos do Brasil, P. I. Schmitz. A partir daí os trabalhos de dissertações, teses e artigos publicados em revista nacionais e internacionais não param. Várias portarias reguladas pelo IPHAN são aprovadas. A região é palmilhada pelo grupo de pesquisa do Museu, que em 2017, muda de nome. Passa a ser conhecido como Museu de Ciências. O grupo de pesquisa desenvolve investigações nos 36 municípios da região em foco. Mais de 180 sítios arqueológicos já foram cadastrados. Os sítios mais estudados são caracterizados como sendo dos grupos Jê e Guarani.

¹⁴ Os três museus foram selecionados por localizarem-se exatamente nas três regiões definidas pelos estudos arqueológicos de Kretuz. O de Arvorezinha, no planalto, Lajeado, na área intermediária e o museu de Taquari nas planícies do rio Taquari.

¹⁵ Destaca-se que o acervo arqueológico desses três museus é proveniente de achados fortuitos e doados, exclusivamente, por particulares. Exceção é o Museu Municipal Histórico Bruno Born de Lajeado. Nos anos de 1980 houve um curso organizado pelo arqueólogo P.M. Ribeiro a fim de verificar e avaliar o potencial arqueológico das margens do rio Taquari. As evidências encontradas durante esse curso foram separadas por várias universidades entre elas a Unisc e Unisinos e parte foi para o museu de Lajeado. Porém, em 2000, esse material, procedente das pesquisas do curso, foi doado para a Univates.

E o material pré-histórico, pré-contato ou pré-colonial é exatamente isto, testemunho que indica o caminho trilhado pela humanidade e que possibilita seu conhecimento e reavaliação. Por isso a necessidade de sua preservação, conjuntamente com os outros testemunhos materiais e imateriais.

A subjetividade humana permite somente preservar determinado tipo de testemunho, pois no futuro o que vai ser considerado patrimônio pode ser algo totalmente diferente das tendências contemporâneas. Deste modo apoiar a preservação de múltiplos acervos, patrimônios e instituições é fundamental, desde que com objetivos claros e seguindo metodologias adequadas.

Segundo Silva (2008b), o conceito de patrimônio está intimamente relacionado ao legado que herdamos do passado e que transmitimos a gerações futuras. Todas as manifestações materiais de cultura, frutos das ações humanas, têm sua existência física num espaço e num determinado período de tempo. Algumas manifestações materiais acabam por desaparecer, esgotadas na sua funcionalidade e significado. Outras, no entanto sobrevivem aos seus criadores e acumula-se a outras expressões materiais.

Por meio da própria dinâmica da existência, destes objetos e pela sua permanência no tempo, eles são reformulados e reinterpretados no presente. Assim,

aquilo que é ou não é patrimônio, depende do que, para um determinado coletivo humano e num determinado lapso de tempo, se considera socialmente digno de ser legado a gerações futuras. Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. (Silva, 2008b, p.?).

Em relação ao patrimônio arqueológico, o laço de identificação com a comunidade contemporânea é tênue. Inexiste um sentimento de vinculação histórica ou étnica, tampouco há uma busca por conhecimento sobre os antepassados indígenas, por exemplo. A vinculação seria mais forte ou fácil de estimular se os objetos que estão nos museus estivessem inseridos num panorama de colonizações antigas, pois de fato, estes objetos despertam na comunidade que os visita sentimentos de curiosidade e de afirmação de um passado que não lhes pertence, mas que ações ocorreram em tempos antigos no mesmo espaço que atualmente suas famílias de descendência europeia residem.

Neste contexto, os materiais pré-históricos que estão dispostos nos museus regionais analisados apresentam uma característica comum, que os une nos lugares de memória pois a “estratigrafia do abandono” os “sufoca e fossiliza, enquanto manifestação da nossa memória cultural. Esta estratigrafia é responsável pelo esquecimento das fontes arqueológicas e pela sua inserção no terreno das memórias exiladas” (Bruno, 1999, p. 23). Silva expressa a relação e escreve que:

Em outras palavras, isto implica dizer que as coleções arqueológicas quando inseridas no contexto dos acervos museológicos se mostram pouco articuladas com outros conjuntos patrimoniais, o que revela então camadas de relações que foram estabelecidas para com estes artefatos e evidencia um processo que destaca o isolamento e o esquecimento dos objetos arqueológicos enquanto elementos constituintes das memórias locais, regionais ou nacionais – daí porque serem memórias exiladas. De uma maneira mais ampla, podemos enxergar a formação dessa estratificação a partir do período vinculado à obra colonizadora, desde esta época já pode ser percebida uma estrutura que arregimentou valores e definiu objetos e objetivos nas terras conquistadas, incitando assim um desapego ao passado nativo. Um exemplo disto pode ser notado na subjugação da oralidade e da “artefatualidade” nativas em favor das letras e da cultura material europeia (Silva, 2008a, p. 15).

Outro fator envolvido no processo é que mesmo havendo um avanço nas pesquisas arqueológicas no país, seus resultados foram desconsiderados para construção da identidade nacional. Assim, o desconhecimento sobre o passado e a herança desses grupos contribuíram para seu desprestígio. Além de que em alguns casos a associação ao elemento indígena dificulta o reconhecimento dos bens arqueológicos como parte integrante do nosso patrimônio (Silva, 2008a).

Como já abordado, anteriormente o patrimônio arqueológico esteve presente desde os primórdios das discussões sobre o patrimônio nacional e esteve comumente presente nas coleções/acervos dos primeiros museus brasileiros, deste modo não há como discutir somente arqueologia e sem falar do campo da museologia. A interação entre os dois campos é fundamental e é denominada de musealização da arqueologia, na qual,

a Arqueologia evidencia facetas das sociedades, descobre peculiaridades de um passado às vezes esquecido e faz aflorar os indicadores da memória, mas não tem potencialidades efetivas de comunicar-se em larga escala com a sociedade presente. Já a Museologia se estrutura como área do conhecimento específica para viabilizar essa comunicação, mas depende, evidentemente, da produção de conhecimento próprio às áreas que estudam os indicadores da memória, como é o caso da arqueologia (Bruno, 1999, p.30).

Como meio reflexivo, mas pontual, os museus e exposições deveriam ser espaços para esclarecer e apresentar o passado pré-histórico por meio, também da arqueologia e da museologia. Consequentemente trabalha-se junto para evitar o tratamento inadequado das coleções. Pois, muito antes da arqueologia institucionalizar-se, os museus eram referências para a comunidade. Os sujeitos tinham por hábito levar “suas” peças e artefatos para serem doados. As exigências técnicas e profissionais foram emergindo e este comportamento foi sendo desestimulado. Porém, a maioria das peças ficaram carentes de informações completas, mas sem deixar de ser registros e testemunhos de um processo de construção do cenário de ocupação pré-histórico, por exemplo. É necessário chamar a atenção para estes acervos que os museus possuem, pois tem potencial e merecem ser valorizados como fonte de informação.

Se a criação dos museus brasileiros no século XIX representa de certa forma o nascimento da arqueologia enquanto ciência no país, este momento, na verdade, pode ser visto como um condicionante a mais no quadro de desprestígio das coleções arqueológicas em relação a outros elementos, ligados às ciências naturais ou a etnografia. Se por um lado, demonstra um olhar naturalista para os bens arqueológicos, por outro, define o papel de coadjuvante que as coleções referentes ao passado pré-histórico têm ocupado no cenário museológico nacional (Silva, 2008a; Bruno, 1999).

Os museus, normalmente são marcados pela forte presença da administração pública, o que ocorre, da mesma maneira, nos três espaços visitados durante a investigação. A presença e influência da administração pública traz à tona e procura deixar em evidência uma história regionalizada e local que valoriza aspectos do passado que estão firmemente atrelados em uma historiografia factual. As exposições e forma de distribuição dos objetos no espaço museal, demonstram exatamente isto, e é neste processo que as fontes arqueológicas, apesar de serem expressivas e até conhecidas, acabam por ocupar espaços diminutos (Silva, 2008a).

Por conseguinte, entende-se que ainda existe transformações no campo dos museus, pois ao longo do século XX, “sua multiplicação em diversos países do mundo e, principalmente, a abrangência praticamente ilimitada de objetos que engloba, indicam que ele é um dos lugares-chave para se entender as sociedades modernas e a forma pela qual elas se fazem representar” (Silva, 2008a, p. 39).

Dessa forma, será possível contribuir na mudança de perspectiva dos museus brasileiros em não se relacionar com os bens arqueológicos como parte de suas memórias, o que pode ser causa, ou efeito, do fato de que “a produção em arqueologia tem ficado, em geral, circunscrita à divulgação e conhecimento entre pares” (Bruno, 2005, p. 237).

Outro fator que relegou ao acervo arqueológico um papel coadjuvante nos espaços museais foi que diversas universidades abrigaram ou criaram instituições arqueológicas. E este envolvimento com a universidade ou pelo mundo universitário que *academizou* o estudo do passado pré-histórico, negou ao museu, do mesmo modo, instituição de pesquisa, condições e credibilidade de desenvolver este trabalho (Bruno, 1999).

Segundo Silva (2008a), o dilema de explicar o resultado das pesquisas arqueológicas ao público em geral tem sido uma preocupação que integra debates recentes na arqueologia. Assim, a arqueologia se integra a museologia e visa devolver à sociedade o conhecimento produzido a partir do trabalho arqueológico. Atenta-se para a contemporaneidade Silva nos ajuda a entender que,

tanto a museologia quanto a arqueologia têm percebido que o patrimônio só passa a ser uma herança quando as pessoas passam a apropriá-lo na sua realidade cotidiana, dessa apropriação e da consciência acerca desta herança é que resulta em última instância a preservação do patrimônio. [...] Contudo, ressalta-se o fato de que, uma vez os objetos estando em um museu, eles adquirem novas significações, seja por meio de um discurso construído, ou através das características que envolvem o gerenciamento destes (Silva, 2008a, p. 52).

Sendo assim, as fontes são ou não convertidas em referência cultural, nas quais deve ocorrer a formação das conjunturas que configuram a estratigrafia do abandono, isto é, “surgem situações em meio às quais o patrimônio arqueológico fica isolado e sem se articular com outros conjuntos patrimoniais, ou seja, não proporciona informações e não contribui para a formação das identidades” (Silva, 2008a, p. 150).

Segundo Arévalo (2010, p. 6-7), fazendo uso do que foi dito por Nora (1993),

os lugares de memória são espaços criados pelo indivíduo contemporâneo diante da crise dos paradigmas modernos, e que com esses espaços se identificam, se unificam e se reconhecem agentes de seu tempo, isto é, a tão desejada volta dos sujeitos: “a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento,

princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente".

O exposto acima é uma questão crucial, para identificação de quem é herdeiro do patrimônio nos lugares de memória, pois só será preservado se houver apropriação dos ambientes pela sociedade e, teoricamente, sensibiliza-se para a construção e fortalecimento de sua consciência histórica.

Isto demonstra que, mais do que a necessidade de manutenção de um local é preciso que haja mobilização em torno dele e apropriação pelos grupos sociais do seu entorno e seus visitantes, para que por meio deste espaço possam continuar a trilhar seu caminho na sua constante busca de autolegitimação para a ação política.

Conseqüentemente, a sociedade busca e usa os lugares de memória como uma ferramenta para tornar-se agente de seu tempo. Arévalo busca em Nora o esclarecimento de tal afirmação e escreve que,

os lugares de memória são essencialmente meios, meio de acesso a uma memória, que não é memória, é história, porque esta reconstituída através de vestígios e, mais importante, uma memória que é reivindicada e não espontânea, como queria Hallwachs. Essa memória não é mais construída no grupo, mas para o grupo pela história, para que este possa nela encontrar elementos que legitimem sua ação política no presente. (2010, p. 11-12)

Com o apresentado acima é possível responder que o acervo arqueológico nos três Lugares de Memória do Vale do Taquari é patrimônio para os agentes históricos do futuro. Todavia, sugere-se a readequação dos espaços museais e das políticas e ações de educação patrimonial, pois assim serão capazes de se apropriar desse patrimônio.

Estas reflexões são fundamentais para entender sobre o papel dos museus em geral, mas principalmente dos três museus municipais analisados, os quais estão longe de possuir esta interação e interdisciplinaridade. Ações fundamentais para os museus serem realmente espaços de ligação identitária, educação, pesquisa, patrimônio e sensibilização. Partindo dessa premissa, é possível despertar a apropriação, neste caso, em relação ao acervo arqueológico pré-histórico, pelas comunidades e agentes do presente e do futuro.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

No Guia dos Museus Brasileiros consta que o Brasil possui 3.025 instituições museológicas. As regiões, Sul e Sudeste, despontam com o maior número de museus, soma-se 67% do total do país. São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro, nesta ordem, são os Estados com o maior registro de instituições. A Região Sul, conta com 878 museus e o Rio Grande do Sul, com 397 em 168 municípios, em um total de 496 municípios (Guia, 2011).

Com 397 museus em 168 municípios, o Rio Grande do Sul se estabelece no primeiro lugar, na relação de museus por número de habitantes, possuindo a relação mais baixa de um museu para cada 26.657 habitantes (Guia, 2011).

Elementos como o processo histórico de cada região é fundamental para compreender o contexto, pois as políticas locais são influenciadas pelo contexto nacional de valorização das instituições e têm papel fundamental para criação dos novos espaços. Acentua-se ainda que o museu é uma forma de registro da atuação do executivo nos municípios, os quais ficam perpetuados na história de cada instituição. No entanto, deveriam dispor de uma estrutura adequada para cumprirem seu papel. Os museus municipais, tradicionalmente, são criados pelas esferas políticas. Fazendo uso, muitas vezes, da política do “cima para baixo” e raramente criados com participação das comunidades. Conseqüentemente, gera a dificuldade de se criar laços entre ambos.

O Vale do Taquari, compreendido politicamente por 36 municípios, possui 12 instituições em oito municípios. Como apresentado, o número de instituições diminuiu de 13 para 12. Comparou-se o levantamento do CMDPU/MCN ao do CNM, assim, também se percebe que o número de municípios que declararam possuir museus diminuiu de 13 para oito.

Das 12 instituições, sete são caracterizados como público/municipal, quatro como privados/fundação e um como privado/associação. Os três espaços analisados para este trabalho aparecem no CNM, como público/municipal.

No que diz respeito à caracterização dos espaços museais, um dado chama a atenção, no qual 75% dos museus ao serem questionados sobre seu acervo, declararam ter apenas um número estimado. Isto reflete a carência de inventários completos dos bens culturais. A maioria dos museus afirmou ter menos de 3.000 itens (Guia, 2011). Os museus de Arvorezinha, Lajeado e Taquari, possuem quantificação estimada de seu acervo, tendo cerca de 100, 700 e sem informação respectivamente.

Nos 12 museus do Vale do Taquari, tem-se a seguinte tipologia; destaca-se que uma instituição pode apresentar mais de um tipo de acervo: dois museus não responderam, seis declararam possuir acervo de Artes Visuais, nove de História, cinco de Imagem e Som, quatro de antropologia, quatro de etnografia, cinco de arqueologia, três de Ciências Naturais e um de História Natural.

Contudo, apesar de cinco instituições anunciarem ter em seu acervo material arqueológico, entre elas duas das três visitadas (Lajeado e Taquari), percebe-se, que o material pré-histórico existente nos espaços, não recebe tratamento adequado. Verifica-se que não há classificação, descrição e identificação cultural, diferente dos demais. Constata-se que são vistos como objetos de curiosidade por parte da população local e visitantes. Ao indagar a população, a mesma entende que são instrumentos de povos “antigos”, que já não existem mais. Percebe-se que não fazem vinculação com populações indígenas vivas e que muitas vezes as comunidades avizinham-se dos locais. Por isso, a importância das informações serem corretas junto às peças e contextualizadas e os profissionais qualificados para explicarem as relações históricas e étnicas de uma sociedade.

Nos três museus visitados o prédio é da municipalidade e foi destinado ao funcionamento desta atividade cultural.

Quanto a função original destas edificações, no Brasil, 17,1% foram originalmente construídas para abrigar museus, demonstra-se que a maior parte foi adaptada para funcionar como museu (Guia, 2011). No Rio Grande do Sul 16,7% foram construídos com função de museu. No Vale do Taquari, dos três espaços visitados dois eram estabelecimentos públicos e o terceiro uma residência. Em Taquari o Museu funciona na Casa que pertencia a família do Ex-Presidente Costa e Silva, em Lajeado o prédio histórico foi Intendência Municipal e Arvorezinha, sede da prefeitura.

No tocante, a política de Tombamento, em âmbito nacional, 28,8% dos museus funcionam em bens tombados, sendo 38,1% em nível federal; 31,3% em nível municipal e 30,6% em nível estadual. Em relação aos três espaços visitados, dois estão em bens tombados na esfera municipal (Lajeado e Taquari).

No que se refere, ao espaço expositivo os 82,9% dos museus brasileiros declararam que dispõem de exposições de longa duração. Ao inexistir espaços para reservas técnicas e o acervo ficar exposto permanentemente, dificulta-se as possibilidades de uso para exposições temáticas e variadas de curta duração, as quais possibilitaria maiores formas de divulgação do conhecimento a partir do acervo. Nos três museus visitados, não há programas de ações educativas efetivas e formalmente instituídas. O que está disponível são as visitas guiadas, previamente agendadas ou não. No entendimento das equipes, isso estaria cumprindo a função da intermediação do monitor o qual deveria sensibilizar para o patrimônio e as histórias ali representadas¹⁶.

Para finalizar a comparação dos dados do CNM e os três museus estudados, apontaremos as informações quanto ao corpo técnico e o orçamento nestes espaços. No Brasil, o quadro da equipe é formado em primeiro lugar, de historiadores, seguidos de museólogos, conservadores, bibliotecários, pedagogos, arquivistas, arquitetos e antropólogos, entre outras formações. Nos museus avaliados a equipe é formada por historiadores e demais membros sem qualificação específica, não aparecendo museólogos e conservadores.

No que se refere ao orçamento, assim como no cenário brasileiro, em que 77,7%, dos museus cadastrados declarou não possuir orçamento próprio para realização de suas atividades, os três museus não o possuem e dependem do orçamento da pasta da cultura para exercer suas funções.

A título conclusivo dessa etapa da pesquisa, os três museus municipais visitados, estão de certo modo, dentro de um padrão nacional. Os dados do CNM enfatizam que a

¹⁶ Apesar, da mais antiga instituição de ensino superior do Vale do Taquari, a Universidade do Vale do Taquari, Univates, há 18 anos disponibilizar o curso de graduação em História, e ter em sua estrutura um museu com profissionais qualificados, dificilmente os gestores, buscam soluções para a cultura museológica regional. Programas de ações educativas voltadas aos museus são efêmeros, muitas vezes de iniciativa individual de professores das áreas das Humanidades, mas que não se configuram como programas de longa duração.

análise deve ser feita sob a ótica do Estatuto de Museus (2009), e para tanto e infelizmente, estes não se enquadram como Museus, mesmo que reconhecidos pela comunidade como instituições desta natureza e serem criados para este fim.

O Museu de Arvorezinha, foi analisado de forma diferenciada, por estar em reformulação no momento da pesquisa e fechado ao público¹⁷. Já os Museus de Lajeado e Taquari, a despeito de possuírem espaços maiores, as salas divididas por temáticas, e serem reconhecidos pela comunidade como Museus, não podem ser classificados como multidisciplinares e não cumprem as funções estabelecidas para instituições com este fim.

Assim, assegura-se que os três museus municipais, são salas de exposição, que tem peças descontextualizadas e sem referência científica, tampouco existe controle de acervo por meio de livro tomo. Quando há, encontra-se incompleto. Lajeado e Taquari, estavam em atualização do acervo no respectivo livro. Acentua-se que são instituições com mais de 20 anos de existência e o controle de acervo deveria achar-se desde o início das atividades.

Os três museus analisados, possuem em seu acervo, evidências arqueológicas pré-históricas. Ainda assim, o acervo encontra-se depreciado e descontextualizado. No Museu de Arvorezinha, localizou-se somente uma peça lítica a qual estava na sala onde a coleção encontra-se depositada para posterior reformulação. Não havia identificação como acervo pré-histórico. No Museu de Lajeado, o material pré-histórico, no total de 19 peças, encontra-se todo em exposição. Infelizmente, com informações inadequadas sobre o acervo e sem descrição contextualizada e científica. No Museu de Taquari, o acervo tem cinco peças e todas estão em exposição, sem descrição adequada.

As três instituições, possuem profissionais qualificados ou em processo de aperfeiçoamento na área de gestão, história e museologia. Porém, a sua atuação esbarra na falta de condições oferecida pelos administradores. Nos casos avaliados, não há estagiários, orçamento próprio e espaço adequado e único para o Museu. Os museus analisados não têm Plano Museológico. A falta desse instrumento, dificulta a ação das instituições, pois é por meio dele, que se define claramente a missão dos museus, complicando principalmente as formas de aquisição e descarte do acervo. O Plano

¹⁷ Atualmente, novembro de 2018, o Museu está aberto ao público.

Museológico é um guia para o dia a dia do museu e impede que se criem situações como o entulhamento de peças. No período da pesquisa, o Museu de Taquari, estava em processo de formulação do seu Plano Museológico.

Os três museus visitados, os quais têm como objetivo retratar a *história geral* dos municípios em que estão inseridos, apresentam preocupação e acervo significativo no campo do período de pós colonização europeia. Esta situação demonstra duas questões; a primeira, a identificação da comunidade contemporânea com uma história coletiva, específica, que quer se ver representada nestas instituições e reflete justamente a falta de relação e identificação com o passado pré-histórico e a segunda, o despreparo em lidar com o acervo pré-histórico. De modo consequente, o desconhecimento em identificar, contextualizar e dar significado ao acervo auxilia no desprestígio e que se contrapõe a facilidade em trabalhar com o acervo histórico, do qual possuem um maior domínio.

Nota-se, a partir do modelo de colonização dos municípios, os quais foram colonizados por grupos distintos no período histórico, que a relação com os testemunhos do passado pré-histórico inexistente. Outro ponto de destaque, na análise das instituições visitadas é que somente na década de 1980, é que se estabelecem os museus, refletindo a tendência e o cenário nacional favorável. Taquari institui seu museu em 1985, Lajeado em 1982 e Arvorezinha em 1980¹⁸.

Outro ponto conclusivo, em nenhum museu visitado do Vale do Taquari/RS, há um museólogo responsável. Os profissionais que atuam nestes espaços, são ligados à área de História e buscam sua qualificação junto ao Sistema Estadual de Museus ou outros cursos de extensão.

Os três espaços visitados, refletem os primórdios das instituições museais. São gabinetes de “curiosidades”, aglomerado de peças descontextualizadas. Os profissionais sabem o “ideal” de museu e buscam sua adequação, mas esbarram nas estruturas administrativas, onde a “pasta” da cultura não é prioridade das gestões. O orçamento para a área da cultura, onde os museus estão ligados, voltam-se mais a promoção de eventos, como festas, teatros e shows, do que readequação dos museus e qualificação dos espaços e seus profissionais.

¹⁸ Taquari, é o município “mãe” da região do Vale do Taquari, tendo sua emancipação em 1849. Lajeado emancipa-se em 1891 e Arvorezinha em 1959.

Sugere-se que os administradores, recriem seus modelos de museus, tornando-os locais de preservação, referência da história e de valorização do patrimônio cultural a partir da comunidade. E mais do que isso, que o acervo do museu e o museu em si sejam entendidos como patrimônio do município. Partindo disso, entende-se que visar somente um fim econômico, mesmo que indireto, por meio do turismo é desvalorizar as reais funções do museu. Turismo e patrimônio podem andar juntos, mas sem que um seja usado somente como meio para se atingir o outro. Acredita-se que, para se chegar a este fim de espaço de pesquisa, referência e preservação é preciso sensibilizar a comunidade e seus representantes.

Cabe às novas gestões, seguindo as políticas nacionais da cultura, a tarefa de readequarem os espaços, com apoio das legislações específicas sobre o assunto. Garante-se assim, a valorização e preservação do acervo, entre eles do patrimônio arqueológico pré-histórico.

CONCLUSÃO

Os três municípios citados, constituíram seus museus na década de 1980, impulsionados pelo contexto nacional de valorização da cultura. A instalação desses museus, apesar de seguir a tendência regional e nacional, esteve marcada pela inadequação dos espaços, os quais foram criados sem estrutura e condições de cumprirem seu papel.

Essas atitudes, legaram para o tempo presente instituições que necessitam adequar-se e “consertar” problemas estruturais o mais breve possível. O principal objetivo deste trabalho, foi identificar o tratamento dispensado ao patrimônio arqueológico pré-colonial nos três museus municipais. A principal constatação nas três instituições visitadas, reflete o que ocorre nos demais museus do Vale do Taquari. Obviamente, que essa afirmação só pode ser comprovada com a verificação “*in locus*” dos espaços museais.

Aponta-se que os problemas diagnosticados e apresentados podem ser vistos como um instrumento para fundamentar as ações e políticas futuras de reformulação e readequação dos espaços. Reforça-se, que os problemas são resultados de várias gestões

e foram influenciados pelo contexto e pelas esferas públicas superiores. Entende-se que, as transformações só serão possíveis por iniciativas coletivas, sendo necessário engajamento na busca pela qualificação. Melhorar a qualificação das equipes para lidar com a tipologia do acervo existente, o qual foi legado pelo recebimento descontrolado e inadequado de doações. Conclui-se e sugere-se que o profissional deva trabalhar igualmente com a diversidade de testemunhos e conseqüentemente de grupos representados para comunicar e educar.

Tendo como resultado a apresentação dos três estudos de caso e os apontamentos a respeito do patrimônio arqueológico em museus, este trabalho pode auxiliar os gestores e profissionais habilitados dos municípios a buscar um tratamento adequado à cultura material pré-histórica da região. Bem como, poderá contribuir para que as histórias municipais visualizadas nos espaços expositivos apresentem também a sua pré-história, contribuindo para que a comunidade regional passe a valorizar o patrimônio arqueológico dos grupos antigos da região, e não apenas os materiais que representam a imigração europeia. Entende-se que o patrimônio arqueológico só será apropriado por gerações futuras no momento do estabelecimento de programas e ações de educação de longa duração por meio de políticas públicas com fim de sensibilização e valorização da diversidade cultural e étnica tão proeminente na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARVOREZINHA. **Lei n. 480 de 07 de outubro de 1980.** Cria o Museu Histórico do Município e dá outras providências. Arvorezinha, 1980.

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto.** Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=62. Acesso em 10 ago. 2010.

BDR – Banco de Dados Regional Vale do Taquari. **Perfil socioeconômico do Vale do Taquari.** Disponível em: http://www.univates.br/files/files/univates/bdr/Perfil_VT_Setembro_2011.pdf. Acesso em 16 junho 2013.

BRASIL. **República Federativa do. Lei n. 11.904,** de 14 de Janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em 12 out. 2009.

BRUNO, Maria Cristina. Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. n. 31. Brasília: IPHAN, 2005.

BRUNO, Maria Cristina. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. In: **Cadernos de sociomuseologia**. n.17. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

ESTATUTOS DEL ICOM. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Statuts/statutes_spa.pdf. Acesso em 19 de fev. de 2016.

GUIA dos Museus Brasileiros/Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

KREUTZ, Marcos Rogério. **O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari - Rio Grande do Sul**. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

LAJEADO. **Decreto n. 1.968 de 05 de abril de 1982**. Cria o Museu de Lajeado e dá outras providências. Lajeado, 1982.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.p.7-28.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus Brasileiros e política cultural. **RBCS**. Vol. 19 n. 55 junho/2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v19n55/a04v1955.pdf>. Acesso em 05 abr 2009.

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **Musealização da arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE/USP, 2008a. (Dissertação)

SILVA, Elsa Peralta da. **Patrimônio e identidade**: Os desafios do turismo cultural. Disponível em: <http://www.aquaforte.com/antropologia/peralta.html>. Acesso em 31 jul. 2008b.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003. 52p. (Projeto como fazer, 09)